

AS NARRATIVAS DOS VIAJANTES E A PRODUÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS

JOSÉ VICENTE DE SOUZA AGUIAR (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL).

Resumo

Este trabalho visa produzir um entendimento a respeito da forma como os povos indígenas foram inseridos na História principalmente pelas narrativas de dois viajantes estrangeiros LA CONDAMINE. Viagem pelo Amazonas. 1735–1745 e WALLACE, Viagens pelos rios Amazonas e Negro 1865–1866. Em suas narrativas, os povos indígenas foram caracterizados como aqueles que possuíam qualidades relacionadas à apatia, à tristeza, à indolência, à preguiça, à selvageria, ou então passaram a serem vistos como puros, ingênuos, atrasados, inaptos ao trabalho. La Condamine e Wallace estiveram na região Amazônica entre os séculos XVIII e XIX, produzindo ou reproduzindo as imagens sobre os povos indígenas com os quais tiveram contato ao longo das suas passagens pela região. É importante destacar que as produções posteriores a esses séculos fazem menção aos trabalhos descritos. Isso é um indicador de que os trabalhos pretéritos exerceram uma relação de influência nos estudos que foram elaborados posteriormente sobre a Amazônia e pelos pesquisadores da região. As menções não ocorreram na perspectiva da descontinuidade, do rompimento, do confronto, mas na da continuidade, da reafirmação dos discursos sobre os povos indígenas. Daí a idéia da relação de continuidade entre os discursos dos viajantes e de parte da produção acadêmica realizada no século XX. A linguagem, com seu poder de expressão e de definição, proferida a partir do espaço institucional, atuou na criação e recriação das imagens sobre os povos indígenas, o que possivelmente não deixou de existir na atualidade. Supostamente, fragmentos dessas imagens estereotipadas permanecem agindo ou norteando os olhares sobre os povos indígenas, visto que as falas sobre eles frequentemente estão relacionadas à idéia de atraso ou os relacionam à natureza.

Palavras-chave:

Viajantes, Amazônia, Indígenas.

Este trabalho[1] visa produzir um entendimento a respeito da forma como os povos indígenas foram inseridos na História, principalmente pela narrativa do cientista e explorador francês Charles Marie La Condamine[2] (*Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas - 1735-1744*) e pela do cientista naturalista britânico Alfred Russel Wallace[3], (*Viagens pelos rios Amazonas e Negro*). Nesse sentido, em suas narrativas, os povos indígenas foram caracterizados como aqueles que possuíam qualidades relacionadas à apatia, à tristeza, à indolência, à preguiça, à selvageria, ou então foram compreendidos como indivíduos puros, ingênuos, atrasados e inaptos ao trabalho.

La Condamine e Wallace estiveram na região Amazônica entre os séculos XVIII e XIX, produzindo ou reproduzindo as imagens sobre os povos indígenas com os quais entraram em contato ao longo das suas passagens pela região. É importante destacar que as produções posteriores a esses séculos dos escritores da região Amazônia, do início do século XX, mencionam os trabalhos dos autores descritos, o que pode ser um indicador de que os trabalhos pretéritos exerceram uma relação de influência nas formas de pensamentos e nos estudos que foram elaborados posteriormente pelos pesquisadores da região a respeito das sociedades indígenas amazônicas.

De qualquer forma, ainda que possamos encontrar entre os pesquisadores do início do século XX referências aos cientistas citados, esse aspecto merece ser mais estudado. Embora as menções aos trabalhos de La Condamine e Wallace não tenham ocorrido na perspectiva da descontinuidade, do rompimento, do confronto, mas na da continuidade, da reafirmação dos discursos sobre os povos indígenas. Daí a ideia da relação de continuidade entre os discursos dos viajantes e de parte da produção acadêmica realizada no início do século XX.

Embora o estudo aqui realizado trate das narrativas produzidas pelos cientistas sobre as sociedades indígenas, e sabendo que essa forma de denominá-los é genérica e não corresponde às discussões da atualidade que destaca o estudo das etnias e não dos indígenas, assumo que trabalharei com essa denominação, mesmo reconhecendo seu equívoco no que diz respeito à diversidade de etnias e de forma de viver e de ser.

As narrativas, com seu poder de expressão e de definição, proferidas a partir do espaço institucional e por indivíduos que falaram a partir da autoridade atribuída pelo lugar que ocupavam nas instituições de pesquisa, podem ter contribuído para a criação e recriação das imagens estereotipadas sobre os povos indígenas. Provavelmente, essas imagens ainda são criadas na atualidade, no entanto não necessariamente pelas instituições relacionadas ao saber científico. Supostamente, fragmentos dessas imagens estereotipadas permanecem agindo ou norteados os olhares dos não-indígenas sobre os povos indígenas, visto que as falas sobre eles frequentemente estão relacionadas à ideia de atraso, de empecilhos para o desenvolvimento da sociedade e da produção, para as aberturas das estradas, para a proteção do território nacional. Além disso, existem as imagens que os relacionam à natureza, apresentando-os como tipos sociais que vivem em completa harmonia com ela. Esse tipo de pensamento remete à visão romântica, evidenciando a ideia de que as vidas desses povos foram e são pautadas pelo princípio da pureza, do equilíbrio entre os povos e os bichos, a fauna e a flora.

Ainda que fossem os indígenas considerados preguiçosos pelo cientista francês, os trabalhos de remadores das canoas que circularam na Amazônia durante as visitas dos cientistas naturalistas foram realizados pelos povos indígenas, os quais utilizaram seus conhecimentos sobre a região para guiar essas expedições pelos rios amazônicos. Além de serem os responsáveis pela condução dos mantimentos e instrumentos de pesquisa dos naturalistas. "[...] é preciso tudo levar às costas dos índios" (LA CONDAMINE, 2000, p. 46)

É preciso reconhecer que sem o trabalho dos indígenas na condição de remadores, de carregadores e sem os conhecimentos desses povos sobre os rios da região o processo de reconhecimento de sua geografia dificilmente seria realizado pelo cientista francês. Todavia, La Condamine incorpora esses povos a sua narrativa na qualidade de quem apresentava pouca disposição ao trabalho e para o acúmulo de riqueza. O referencial de comparação adotado pelo cientista centra-se no modo de vida da sociedade branca europeia, que havia adotado para si a ideia do acúmulo de riqueza e do progresso material. Provavelmente, em função dessa noção de sociedade, o cientista afirmava que no Maranhão

Os índios vão recolher, então, precisamente a quantidade necessária para pagar o tributo ou capitação, e somente o fazem quando estão muito solicitados a pagá-lo. O resto do tempo eles calcariam o ouro debaixo dos pés, em vez de darem o trabalho de o recolher e triar. Em toda essa zona, as duas margens do rio estão

cobertas de cacau selvagem, que não é menos bom que o cultivado, e de que os índios não fazem tampouco o menor caso. (LA CONDAMINE, 2000. p. 51)

Assim, por meio das ideias de trabalho e de prosperidade que nortearam a visão de La Condamine, ocorreu classificação das sociedades indígenas com as quais entrava em contato. Esses não foram apresentados como trabalhadores que conduziram às canoas, que transportavam às costas os mantimentos e equipamentos e nem que utilizaram seus conhecimentos sobre a fauna e a flora para guiar os cientistas nas suas pesquisas. Pelo contrário, foram narrados como sujeitos desinteressados e preguiçosos.

A denominação trabalho não foi atribuída às tarefas das sociedades indígenas a serviço dos cientistas, mas apenas as realizadas pelos cientistas. Enquanto os indígenas eram chamados de carregadores e remadores[4], diante do perigo de naufrágio da jangada em que viajavam, o cientista descrevia a situação falando do risco que correram de perder os jornais e os papéis das observações, fruto de oito anos de trabalho. (LA CONDAMINE, 2000, p. 56)

Esse caso é revelador da noção de certa atitude exigida por La Condamine aos povos indígenas, constituída a partir da ideia de valor econômico centrado nos referenciais do próprio cientista, que seria, na sua visão, um atributo supostamente não existente entre os indígenas. Este viajante pesquisador, em suas observações sobre os povos da Amazônia do século XVIII, dizia que a insensibilidade fazia parte do seu caráter, uma vez que supunha

[...] reconhecer em todos eles um mesmo fundo de caráter. A insensibilidade é o fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome de apatia, ou se lhe dar o apodo de estupidez. Ela nasce indubitavelmente do número limitado de suas ideias, que não vai além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quando têm que saciar-se; sóbrios quando a necessidade os obriga a se privarem de tudo sem parecerem nada desejar; pusilânimes ao excesso, se a embriaguez os não transporta; inimigos do trabalho, indiferentes a toda a ambição de glória, honra ou reconhecimento; sem a preocupação do futuro; incapazes de previdência e reflexão; entregues, quando nado os molesta a brincadeiras pueris, que manifestam por saltos e gargalhadas sem objeto nem desígnio; passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados (LA CONDAMINE, 2000, p. 60)

Nesses termos, as sociedades indígenas foram incorporadas às narrativas na condição predominante de povos selvagens, preguiçosos e desqualificados para o trabalho. Todavia, aqueles grupos que haviam incorporados elementos da religiosidade cristã passaram a ser vistos como em processo evolutivo, visto que para o cientista isso era uma representação de que haviam assimilados os hábitos dos conquistadores. Portanto, hábitos civilizados. É possível entender então que os referenciais do modo de vida considerados significativos e válidos para La Condamine eram o modo de ser e viver de uma parcela da sociedade branca europeia.

Por meio dessa matriz de inteligibilidade, as sociedades indígenas foram avaliadas pelo viajante cientista francês. Através desse pressuposto, as sociedades indígenas deveriam absolver e aprender esse modo de vida, pois era este o considerado civilizado e válido para todas as sociedades. Tal modelo fica evidente quando o cientista assevera

[...] os índios das missões e os selvagens que gozam de liberdade são tão limitados por não dizer tão estúpidos quanto os outros, e não se pode ver sem humilhação o quanto o homem abandonado à natureza, privado de educação e sociedade, pouco difere das bestas". (LA CONDAMINE, 2000, p. 60)

Assim, as referências aos conhecimentos, aos modos de ser de uma parcela dos europeus ocorreram também a partir da comparação das línguas das sociedades indígenas[5], sobretudo procurando encontrar na língua as palavras que expressassem as ideias consideradas abstratas e universais; todavia essas ideias tinham suas centralidades nos universais criados pela sociedade europeia. A ausência de tais ideias expressaria um suposto estágio de atraso, ou de vida em estado de selvageria. Para La Condamine, esse suposto estágio estaria evidente na ausência das palavras que exprimisse sentidos de:

"Tempo", "duração", "espaço", "ser", "substância", "matéria", "corpo": todos esses nomes, e muitos outros, faltam em suas línguas; não somente os nomes dos entes metafísicos, mas os dos seres morais, não podem verter-se senão imperfeitamente, e por longas perífrases. Não há palavras que corresponda exatamente à "virtude", "justiça", "liberdade", "reconhecimento", "ingratidão". (LA CONDAMINE, 2000, p. 61)

Nesse contexto, fica evidente na narrativa do cientista francês que o seu desconhecimento das línguas das sociedades indígenas foi o motivo de julgamento e classificação, uma vez que se torna mais fácil rotular negando o que não se conhece, do que assumindo o desconhecimento das línguas com as quais entrara em contato. Com base no seu desconhecimento, dizia que a língua dos selvagens chamados jameus, recentemente trazidos das selvas

"[...] é de uma dificuldade inexprimível, e sua maneira de falar é ainda mais extraordinária do que a língua. Eles falam por missão de voz, e não fazem soar quase nenhuma vogal. Têm vocábulos que não poderíamos escrever, mesmo imperfeitamente, sem empregar menos de nove a dez sílabas, entretanto pronunciado por eles, não parecem ter mais de três ou quatro" (LA CONDAMINE, 2000, p. 66).

Ao referir-se à língua do povo Omágua, que dominava sua pronúncia, dizia que era considerada tão doce e tão fácil de pronunciar e aprender, porém a dos jameus é rude e difícil. (LA CONDAMINE, 2000, p. 70)

O Senhor L., sujeito português que acompanhou o cientista britânico na viagem ao Alto Rio Negro, apresenta a língua portuguesa que falava como superior à língua indígena. Dizia que vivia com uma pessoa indígena com uns trinta anos e que era mãe de seus filhos menores. Não lhe agradava a ideia de casamento com ela, pois essa mulher não dominava a língua portuguesa e assim não poderia educar seus filhos na língua considerada superior. No diálogo com Wallace, o senhor L. justifica seu estado matrimonial e sua necessidade em ensinar o português para os seus filhos.

Para justificar as vantagens de não se prender a ninguém por semelhante vínculo, contou-me, então, que a mãe de suas duas filhas mais velhas, quando estas se tornaram mais crescidas, não podia educá-las com asseio, e era incapaz, outrossim, de ensinar-lhes o português. Em vista disso, resolveu pô-la fora de casa, substituindo-a, então, por outra mulher mais jovem e mais civilizada (WALLACE, 2004, p. 268)

Nessa perspectiva, os elementos de comparação e valoração utilizados pelo cientista francês do século XVIII também circularam pela religiosidade ocidental, pois ao referir-se à sociedade indígena localizada no rio Japurá, Amazonas, chamado de habitantes de Pebas, dizia "[...] na sua maioria ainda não são cristãos: são selvagens recentemente tirados de sua floresta. Não se trata enquanto senão fazer deles uns homens, o que não é pequeno trabalho" (LA CONDAMINE, 2000, p. 74). A religiosidade cristã foi usada como modelo para compreender as dimensões sagradas das sociedades indígenas. Partindo dessa perspectiva, o francês chegou a afirmar que era mais frequente a existência de povos indígenas sem qualquer ideia de religião (LA CONDAMINE, 2000, p. 123)

Assim, as imagens criadas circulam entre a ideia de que quase todos os indígenas são mentirosos, selvagens e que os missionários jesuítas trabalham em amansar (LA CONDAMINE, 2000, p. 97)

E, sobretudo, a preguiça dos homens das sociedades indígenas foi reforçada pelas condições favoráveis que oferece a natureza para abastecê-los de alimentos e necessidades.

"[...] os lagos e os mangues que se encontravam a cada passo nas proximidades do Amazonas, e não raro bem no interior das terras, são enchidos de peixes de todas as qualidades, nos tempos do extravasamento; e quando as águas baixam, aí eles ficam encerrados como em tanques ou reservatórios naturais, e onde se pescam com a maior facilidade" (LA CONDAMINE, 2000, p. 105)

No entanto, o mesmo cientista que os denomina de preguiçosos relata que os indígenas remavam dia e noite tanto a serviço das expedições de pesquisa da natureza, quanto a serviço dos colonos e dos missionários para vender os produtos das missões e buscar as provisões no Pará.

Alfred Russel Wallace, viajante-naturalista que esteve na Amazônia e produziu narrativa sobre os povos indígenas amazônicos no século XIX, percorreu o Amazonas e o Pará, coletando material botânico e zoológico, realizando assim viagem de cunho científico na região Amazônica. Aliás, as coletas de parte dos animais eram realizadas pelos indígenas, pois consta do relato desse naturalista que o Sr. Balbino, a quem foi apresentado na cidade da Barra[6], disponibilizou um caçador para matar pássaros e quaisquer outros animais que o quisesse (2004, p. 217)

Sua forma de pensar e narrar as populações indígenas estava pautada na racionalidade baseada em valores e visão de mundo europeu, constituída a partir de uma perspectiva etnocêntrica. Em que modelo ocidental, constituído, sobretudo, como base na ideia de desenvolvimento e progresso foi apresentado como indicador para medir e avaliar os modos de ser e de viver das sociedades indígenas. Nesse modelo, questões como desperdício de trabalho e de tempo, baixa produtividade, são apresentadas como problemáticas e, portanto, devem ser superadas. Esses aspectos relativos ao que supostamente deveria ser as características dos homens e das mulheres estão presentes nas narrativas de Wallace quando sugere mudanças nas formas de produzir das sociedades indígenas, ao dizer que deveriam "[...] ocupar-se com uma indústria qualquer e trocar os seus produtos pelas mercadorias de que tiver precisão" (WALLACE, 2004, p. 224)

Alfred Russel Wallace, ao realizar sua viagem científica pela região, também fez observações acerca das populações indígenas e não indígenas carregadas de ideias estereotipadas. Ele deixou fluir, em suas afirmações, os elementos que compõem a concepção de cultura com a qual pensa a vida humana. Estava baseada nos princípios considerados originais, autênticos, usados como modelo para compreender os modos de ser e de viver das sociedades indígenas. Para ele, o povo indígena "[...] nas vizinhanças da civilização perde a maior parte de seus costumes típicos, modificando seu estilo de vida, sua arquitetura, seus hábitos e sua linguagem [...] Torna-se logo um ser diferente daquele que constitui um genuíno habitante da selva" (2004, p.576). Wallace classifica os indígenas a partir de seu olhar de cientista naturalista. O homem amazônico foi considerado uma espécie que precisaria ser catalogada: via de regra, ostentam (os indígenas) soberbas compleições físicas. Podem estar certos de que considero esses perfeitos exemplares da maravilhosa anatomia humana (2004, p. 577)

Essa espécie exótica presente na descrição do naturalista britânico está evidenciada na narrativa que fez dos modos como os indígenas e as indígenas procedem no tratamento dos pelos do corpo. "Os homens têm muita pouca barba, e mesmo esta pouca eles arrancam, puxando os fios. Homens e mulheres, todos arrancam também as sobrancelhas e pêlos dos sovacos e das partes genitais" (WALLACE, 2004, p. 581). Essa imagem, presente na narrativa de Wallace, parece destoar do modo de ser dos europeus considerados civilizados, já que os povos indígenas vistos nessa perspectiva foram incorporados a seres exóticos, que deveriam compor o quadro evolutivo da espécie humana. Todavia, esse cenário em que os corpos aparecem sem os pelos realça na visão de Wallace um aspecto de anormalidade, de monstruosidade, pois o modelo a ser seguido, na sua perspectiva, não condiz com esse procedimento considerado selvagem.

De qualquer modo, essa visão dos indígenas exóticos não corresponde apenas a uma narrativa dos indígenas da Amazônia, pois é possível ser identificada em outras regiões do país. Na pesquisa doutoramento de Lara Bonin realizada em 2007, sobre as narrativas dos professores, identifica a ideia de que os povos indígenas são pessoas livres, vivendo na floresta, em harmonia com os animais silvestres e ingênuos, apresentando um estado de exotismo nas suas manifestações

individuais e coletivas. Constata-se, dessa forma, que as narrativas estereotipadas feitas dos povos indígenas não correspondem apenas uma situação relativa às sociedades indígenas amazônicas do pretérito, uma que o estudo de Bonin (2006) evidencia essa situação também no Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. Esse estudo pode servir como demonstração da abrangência desse pensamento, descartando a ideia de que correspondesse a um pensamento localizado e regional sobre os povos indígenas.

No século XX, essa imagem é mencionada e reaparece na fala de Djalma Batista, um dos primeiros pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA), do início da segunda metade do século XX, do Estado do Amazonas que teve provavelmente atuação junto à formação do sistema de pensamento no Estado. Esse cientista dizia que a mestiçagem não redimiu esse povo, uma vez que ainda resta mostra da herança ameríndia em seu comportamento.

Uma delas, das mais típicas, é uma dose visível de preguiça reinante entre os habitantes do vale, uma indisposição para o trabalho sistemático, um conformismo com o resultado dos modestos esforços e uma permanente despreocupação com o dia de amanhã (BATISTA, 1976, p. 49)

Essa forma de pensar presente também no século XX e apresentado por um cientista que dedicou sua vida ao estudo da medicina na Amazônia demonstra a relação de continuidade com o pensamento dos séculos anteriores, que viam na mestiçagem o meio de promover o suposto melhoramento da raça tida como inferior, pois a ideia de puro sangue europeu (WALLACAE, 2004, p. 215) apresentada pelo cientista britânico revela a noção de superioridade de um povo considerado legítimo e superior.

Considerações finais

Este estudo não consiste em explicar quando e como começou a produção dessas marcas sociais. Todavia buscou mostrar que essas imagens foram criadas, foram inventadas, que elas existiram e possivelmente existem, embora não possa ser entendido como uma existência natural, mas como efeito de poder e saber numa relação de tensão entre os brancos e os povos indígenas ou mesmo entre os próprios povos indígenas.

Algumas questões podem ser feitas no sentido de problematizar a invenção da escrita e da imagem a respeito das sociedades indígenas. Dessa forma, é possível afirmar que a produção do saber com sua força de verdade correspondeu a um ato realizado pelos cientistas que tomaram a sociedade branca ocidental como modelo válido para entender as sociedades não ocidentais, inclusive as indígenas. Nesse sentido, as falas dos povos indígenas sobre si parecem que não ecoaram e nem foram produzidas por eles com estatuto de verdade científicos em defesa de um tipo de sociedade singular, não ocidental.

Tudo indica que a narrativa predominante sobre as sociedades indígenas foram realizadas por sujeitos não-índios, situados na condição cientista, com autoridade e poder para nomear, classificar os modos de ser e de viver dos não-indígenas e dos

indígenas. Talvez pudéssemos pensar quando e como emergiram essas narrativas, com efeito de saber-poder, inventando o modo de ser das sociedades indígenas na condição de sociedades inferiores, subalternas e desqualificadas? Como a sociedade branca que não fala pela ciência assimilou os estereótipos e se tornou reprodutora dessa forma de pensar sobre os indígenas? Essas questões são apresentadas para estimular os entendimentos sobre os modos como os povos indígenas foram inventados pelas narrativas dos não-indígenas.

Nessa perspectiva, as imagens criadas pelas narrativas sobre os povos indígenas pelos viajantes - cientistas e naturalistas - foram constituídas a partir de estereótipos e, ainda, centradas no modo de ser e de viver das sociedades europeias, sobretudo dos homens e das mulheres que serviram de parâmetros para pensar os outros modos de vida. Os grupos indígenas, principalmente aqueles que não apresentavam as técnicas de fabricação de algum produto com valor econômico e que também não fossem dóceis e submissos para facilitar a exploração e a conquista dos europeus, foram considerados selvagens, rude, inferiores e incapazes de abstração e pensamento mais complexo. Muitas vezes, fica a nítida impressão de que os grupos indígenas foram comparados aos animais inferiores e em uma escala evolutiva, convergindo, assim, para as noções da teoria evolutiva, onde os povos indígenas ocupariam um lugar inferior em relação a outros grupos humanos - europeu, brancos e cristãos.

Assim sendo, essas narrativas inventadas possuem o poder de converter, de instruir uma forma de pensar, de educar os olhares para ver e avaliar os outros que não vivem e nem produzem da mesma forma que a sociedade predominante ocidentalizada. Essas narrativas inventadas, além de classificatórias, também possuem o poder de convencer pelo uso razão de que a o modelo de sociedade válido é o ocidentalizado e cristão.

Referências bibliográficas

ALBURQUEQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia** (Análise do processo de desenvolvimento). RJ, Conquista, 1976. Coleção Temas Brasileiros. Vol. 20

BONIN, Iara Tatiana. **Com quais palavras se narra a vida indígena na literatura infanto-juvenil que chega às escolas?** In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Estudos Culturais para professoras. Canoas: ULBRA,

_____, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas ...: quais narrativas contam em práticas pedagógicas?** Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 16 ed. São Paulo: Loyola, 2008

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas** - Brasília: Senado Federal, 2000.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**, notas de Basílio de Magalhães. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

[1] Cujo autor é doutorando em Educação pela UFRGS, professor da Universidade Estado do Amazonas - UEA e bolsista da FAPEAM. jvicente@uea.edu.br

[2] Fez estudos de natureza geográfica, sobre a fauna e sobre a flora da bacia amazônica, dedicou-se também à astronomia, à geodesia e à física.

[3] Viajante-naturalista que esteve na Amazônia entre maio de 1848 a julho de 1852 e produziu narrativas sobre os povos indígenas amazônicos.

[4] As mesmas necessidades de trabalhadores para realizar o transporte dos materiais de pesquisa e dos mantimentos foram apresentadas nos relatos de Wallace. Além do mais, acrescenta o esforço dedicado pelos indígenas para vencer as dificuldades e ameaças apresentadas pelas cachoeiras da região de São Gabriel da Cachoeira. Sem o conhecimento dos indígenas sobre a região que compunham a expedição, o cientista britânico não teria realizado sua coleta dos animais da fauna e da flora, pois reconhece que não podia aventurar-se a andar pela floresta e pelos rios em busca dos animais e peixes e outros seres.

[5] Vale ressaltar que o domínio da língua das sociedades indígenas por parte dos jesuítas foi fundamental para o sucesso trabalhos religioso de suas missões no Brasil e nos países da América Latina como no Peru, Venezuela, Bolívia, Paraguai, dentre outros. A língua geral foi criada com a finalidade de servir como meio de comunicação entre brasileiros e índios.

[6] Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro, denominação que a Cidade de Manaus recebeu por volta de sua fundação em 1669.